

imitação mortal

nora roberts

Tradução de Patrícia Xavier

Nunca um homem se tornou grandioso por imitação.

S A M U E L J O H N S O N

*E o Diabo disse a Simon Legree:
«Gosto do teu estilo, tão perverso e tão livre.»*

V A C H E L L I N D S A Y

P R Ó L O G O



O verão de 2059 estava a ser um filho da mãe cruel e assassino que não dava sinais de aligeirar o seu mau humor. Setembro colara-se aos calcanhares suados de agosto e asfixiava Nova Iorque com um manto de calor húmido e ar fétido.

O verão, pensava Jacie Wooton, estava a dar cabo do negócio.

Ainda eram apenas duas da manhã, horário nobre, com os bares a mandar os clientes embora, e os clientes à procura de mais alguma diversão antes de regressarem a casa. As melhores horas da noite, como ela gostava de pensar, quando quem tinha desejo e dinheiro para o satisfazer aparecia à procura de companhia.

Jacie tinha licença para trabalhar na rua, desde que se tramara com alguns problemazinhos de drogas e umas quantas rusgas. Mas agora estava limpa, e tencionava voltar a subir na hierarquia da prostituição até estar de novo entre os ricos solitários.

No entanto, por agora, tinha de ganhar a maldita vida, e ninguém queria sexo, muito menos pagar para o ter, com o calor que fazia.

O facto de só ter visto duas colegas de profissão pela zona nas últimas duas horas indicava-lhe que também não havia muitas a quererem vender os seus serviços naquela noite sufocante.

Mas Jacie era uma veterana, considerava-se uma verdadeira profissional desde a noite em que, mais de vinte anos antes, dera uso à sua primeira licença.

Podia suar com o tempo quente, mas não perdia o vigor. Do mesmo modo que se fora um pouco abaixo com a licença probatória, mas ainda assim resistira.

De pés bem assentes no chão — ou de joelhos, ou de costas, consoante a preferência do cliente —, Jacie fazia o seu trabalho.

Fazer o trabalho, mentalizou-se. Receber o pagamento, registar a hora. E daí a alguns meses estaria de novo numa *penthouse* em Park Avenue, pois era esse o seu lugar.

Se lhe ocorreu que tinha envelhecido e amolecido um pouco de mais para trabalhar na rua, pôs a ideia de parte e concentrou-se em arranjar mais um cliente. Só mais um cliente.

Tinha o dinheiro à conta para a renda, e se não conseguisse ganhar mais algum naquela noite, não teria com que pagar tratamentos estéticos. E precisava de cuidar da sua aparência.

Não que estivesse assim tão necessitada, disse para consigo, ao passar por um candeeiro na área de três quarteirões que elegera como sua, nas entranhas da cidade. Mantinha-se em forma. Era verdade que trocara a droga por uma garrafa de *vodka* — e bem que precisava de uma bebida agora —, mas ainda era atraente. Uma lasca.

E estava a exhibir a mercadoria com um *top* sem costas e uma saia com rachas até à cintura, ambos de um vermelho-vivo. Até fazer uma cirurgia estética, precisava do haltere para aumentar as mamas. Mas as pernas ainda eram o seu principal atrativo. Altas e elegantes, ganhavam um toque erótico com aquelas sandálias prateadas de atilhos até aos joelhos.

Estavam a dar cabo dela, as sandálias, já que continuava a caminhar à procura de mais um trabalho.

Para aliviar um pouco os pés, encostou-se ao poste seguinte, pondo uma anca de lado, e percorreu a rua quase deserta com os seus olhos castanhos cansados. Devia ter posto a cabeleira prateada comprida, disse para consigo. Os homens que vinham à procura daqueles serviços gostavam de ver cabelo. Mas não se sentira capaz de suportar uma peruca naquela noite, e por isso limitara-se a espetar o seu cabelo muito preto e a borrifá-lo, sem grande esforço, com um *spray* prateado.

Passou um táxi, depois mais alguns carros. Ela inclinou-se, fez a habitual expressão convidativa, mas nenhum dos veículos abrandou, sequer.

Mais dez minutos e daria a noite por terminada. E podia oferecer um broche ao senhorio, se lhe faltasse dinheiro para a renda.

Desencostou-se do poste e começou a caminhar, com dores nos pés,

na direção do quarto a que se vira reduzida. Pensou no apartamento elegante que em tempos tivera em Upper West Side, com um guarda-roupa cheio de vestidos fabulosos, e um livro de marcações preenchido.

As drogas, como lhe dissera a sua conselheira, arrastavam a pessoa para uma espiral descendente, que muitas vezes terminava numa morte miserável.

Jacie sobrevivera, mas estava a viver na miséria.

Mais seis meses, prometeu a si própria. E voltaria a estar bem na vida.

Viu-o caminhar na sua direção. Rico, excêntrico, e deslocado — não se viam por aquela zona muitos tipos em traje de cerimónia. Com capa e cartola, imagine-se. Trazia uma mala preta.

Jacie assumiu um ar profissional, e pousou a mão na anca.

— Olá, querido. Já que estás todo bem vestido, que tal fazermos uma festa?

Ele sorriu-lhe, um sorriso rápido, apreciativo, que revelou dentes brancos e regulares.

— Tens alguma coisa em mente?

A voz combinava com a roupa. Um tipo da alta roda, pensou Jacie, com um misto de prazer e nostalgia. Classe, cultura.

— O que quiseres. Tu é que mandas.

— Bem, vamos lá a essa festa privada, num sítio... próximo. — Olhou em redor, depois apontou para uma ruela estreita. — Infelizmente, não disponho de muito tempo.

A ruela significava uma queca rápida, o que estava bem para ela. Podiam despachar o serviço, e se fizesse as coisas como devia ser, receberia o pagamento e ainda uma boa gorjeta. Mais do que o suficiente para pagar a renda e fazer o trabalho às mamas, planeava Jacie, caminhando à frente dele.

— Não és daqui, pois não?

— Porque dizes isso?

— A maneira de falar, o aspeto. — Encolheu os ombros, não era da sua conta. — Diz-me o que queres, querido, e despachamos já a questão financeira.

— Oh, quero tudo.

Ela riu-se, pousando-lhe a mão entre as pernas.

— Hum, estou a ver que sim. Vais ter direito a tudo. — *E depois eu vou poder tirar estes sapatos e tomar uma bela bebida fresca.* Disse o seu

preço, elevando-o tanto quanto lhe parecia possível. Quando ele anuiu, sem pestanejar, ao ouvir o preço inflacionado, ela amaldiçoou-se por não ter pedido mais.

— Primeiro, o pagamento — disse-lhe. — Depois podemos começar a divertir-nos.

— Claro, o pagamento primeiro.

Ainda a sorrir, ele virou-a para a parede, agarrou-lhe o cabelo e puxou-lhe a cabeça para trás. Cortou-lhe a garganta, para a impedir de gritar. Um único golpe, com a faca que trazia debaixo da capa. A boca dela abriu-se, e um gorgolejo escapou-se-lhe da garganta, enquanto ela deslizava contra a parede suja.

— E agora o divertimento — disse ele, debruçando-se sobre o corpo caído.

C A P Í T U L O 1



Nunca se tinha visto tudo. Por muitas vezes que se andasse sobre o sangue e os coágulos, por muitas vezes que se visse o horror que um ser humano infligia a outro, nunca se tinha visto tudo.

Havia sempre algo pior, ou mais louco, mais doentio, mais cruel.

Ao olhar para o que restava de uma mulher, a tenente Eve Dallas perguntava-se quando veria pior do que aquilo.

Dois dos agentes no local ainda estavam a vomitar à entrada do beco. O som dos vômitos ecoava até ela. Eve manteve-se de pé, com as mãos e as botas já protegidas, à espera que o seu próprio estômago se acalmasse.

Já alguma vez teria visto tanto sangue? Era difícil lembrar-se. Mais valia não se lembrar.

Agachou-se, abriu o estojo do material, e pegou na almofada de tinta, para tirar as impressões digitais da vítima. Não podia evitar o sangue, por isso deixou de pensar nisso. Erguendo a mão inerte, pressionou o polegar sobre a almofada.

— Vítima do sexo feminino, caucasiana. O corpo foi encontrado por volta das três e trinta da madrugada por agentes que responderam a uma chamada anónima. As impressões digitais indicam que a vítima é Wooton, Jace, 41 anos de idade, prostituta com licença profissional, residente em Doyers, número 375.

Inspirou superficialmente, uma vez e depois outra.

— A garganta da vítima foi cortada. O padrão dos salpicos de sangue indica que o golpe foi infligido estando a vítima de pé e de frente para a parede norte da rua. O padrão e o rasto de sangue sugerem que a vítima caiu ou foi estendida no chão pelo agressor ou pelos agressores, e que em seguida...

Deus. Oh, Deus.

— Em seguida, a vítima foi mutilada, tendo-lhe sido retirada a região pélvica. Tanto o ferimento na garganta como o da região pélvica indicam o uso de um instrumento afiado de alguma precisão.

Apesar do calor, Eve sentia a pele arrepiada, húmida e fria, enquanto recolhia amostras e registava dados.

— Peço desculpa — disse Peabody, a sua ajudante, atrás de si. Eve não precisava de se voltar para saber que Peabody ainda tinha o rosto pálido e suado, do choque e da náusea. — Peço desculpa, tenente, não consegui aguentar-me.

— Não te preocupes. Estás melhor?

— Sim... Sim, senhora.

Eve anuiu e continuou o seu trabalho. Robusta, fiável, e previsível, Peabody olhara para o corpo estendido na rua, ficara branca como a cal e recuara aos tropeções, quando Eve lhe ordenara que fosse vomitar noutro sítio.

— Tenho a identificação dela. Jacie Wooton, Doyers. Prostituta registada. Faz-me o levantamento.

— Nunca vi nada assim. É que nunca vi...

— Faz o levantamento dos dados. Vai ali para o fundo. Estás a tapar-me a luz.

Não estava, Peabody sabia-o. A sua tenente estava a dar-lhe um pretexto para sair dali, e como sentia de novo a cabeça às voltas, aproveitou-o, dirigindo-se para a entrada do beco.

Tinha a camisa da farda encharcada de suor, e o seu cabelo escuro, cortado à tigela, estava húmido nas têmporas, sob o boné. Peabody tinha a garganta dorida, a voz fraca, mas obedeceu. E observou Eve a trabalhar.

Eficiente, minuciosa e, diriam alguns, fria. Mas Peabody vira a expressão de choque, horror e compaixão na cara da tenente, antes de a sua própria visão se turvar. *Fria* não era a palavra; *motivada*, antes.

Agora ela estava pálida, reparou Peabody, e não eram só as luzes que lhe tiravam a cor ao rosto estreito. Os seus olhos castanhos estavam focados, e ela nem pestanejava ao examinar a atrocidade. Tinha as mãos firmes, e as botas manchadas de sangue.

Uma linha de suor desenhara-se-lhe a meio das costas, mas a tenente não recuaria. Não até o trabalho estar feito.

Quando Eve se endireitou, Peabody viu uma mulher alta e magra com botas sujas, calças de ganga de aspeto muito usado, e um bonito casaco de linho. Tinha uma cara de traços delicados, a boca carnuda, grandes olhos de um castanho dourado, e um cabelo da mesma cor, em desalinho.

Mais: viu uma agente que nunca virava as costas à morte.

— Dallas...

— Peabody, não me importo que vomites, desde que não contamines o local do crime. Dá-me as informações.

— A vítima vivia em Nova Iorque há vinte e dois anos. A residência anterior era em Central Park West. Morava aqui há dezoito meses.

— É uma mudança de cenário e tanto. Porque é que correram com ela?

— Estupefacientes. Foi apanhada três vezes. Perdeu a licença de acompanhante de luxo, esteve presa seis meses, fez desintoxicação, terapia, e obteve uma licença provisória para trabalhar na rua, há cerca de um ano.

— Denunciou o seu fornecedor?

— Não, senhora.

— Veremos o que diz o relatório de toxicologia quando a levarmos para a morgue, mas não me parece que aqui o Jack seja o fornecedor dela.

— Eve ergueu o envelope (selado, para evitar manchas de sangue) que fora encontrado no corpo.

*TENENTE EVE DALLAS, NYPSD*¹

Escrito a computador, calculava ela, com uma fonte elegante, num papel bom de cor creme. Espesso, pesado, caro. O tipo de coisa usada em convites da classe privilegiada. Eve sabia bem do que se tratava, visto que o seu marido costumava enviar e receber esses convites.

Pegou no segundo saco de provas e leu de novo o bilhete.

Olá, tenente Dallas:

Está quente o bastante para si? Sei que tem tido um verão atarefado, e tenho admirado o seu trabalho. Não me ocorre

¹ Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque, em português. (N. de T.)

mais ninguém das forças policiais da nossa linda cidade que eu gostasse de ter a acompanhar-me no que espero que seja uma relação muito íntima.

Aqui tem uma amostra do meu trabalho. Que lhe parece?

Faço votos de que a nossa parceria seja duradoura.

Jack

— Vou dizer-te o que me parece, Jack. Parece-me que és um filho da mãe muito doente. Ensaquem e identifiquem — ordenou, olhando uma última vez para o beco. — Homicídio.

O apartamento de Wooton ficava no quarto piso de uma das estruturas habitacionais construídas para servirem de abrigo temporário para refugiados e vítimas das Guerras Urbanas. Várias delas erguiam-se nas zonas mais pobres da cidade, e o objetivo era sempre a realocização.

Havia constantes negociações na cidade para tirar dali aqueles inquilinos desfavorecidos, prostitutas, drogados e traficantes, juntamente com os pobres da classe trabalhadora, e demolir aquelas estruturas frágeis ou reabilitá-las.

Enquanto as negociações se arrastavam, os edifícios deterioravam-se e nada era resolvido.

Eve calculava que tudo continuaria como estava até as barracas caírem com os seus moradores lá dentro e as autoridades se verem a braços com um processo judicial coletivo.

Enquanto esse dia não chegava, aquele era o tipo de zona onde se podia ver uma prostituta em maré de azar.

O quarto dela era uma pequena divisão abafada, com uma marquise estreita a fazer as vezes de cozinha e um cubículo por casa de banho. A vista da janela era a parede de um edifício idêntico a oeste.

Através das paredes finas, Eve ouvia claramente o ressonar heroico vindo do apartamento ao lado.

Apesar das circunstâncias, Jacie mantivera o seu apartamento limpo, e tentara conferir-lhe algum estilo. A mobília era barata, mas colorida. Não tendo podido comprar telas protetoras para as janelas, tapara-as com cortinados aos folhos. Deixara o sofá convertível, mas a cama estava feita, e os lençóis eram de algodão bom. Possivelmente resgatados de tempos menos difíceis, pensou Eve.

Tinha um *link* de secretária sobre uma mesa, e uma cómoda pré-fabricada coberta com os vários utensílios da sua profissão: acessórios, perfumes, cabeleiras, bijuteria barata, tatuagens temporárias. Na gaveta e no armário havia sobretudo roupa de trabalho, mas à mistura com o vestuário de prostituta encontravam-se algumas peças mais conservadoras, que ela devia usar no seu tempo livre.

A tenente encontrou ainda medicamentos de venda livre, incluindo meia garrafa de *Sober-Up* e uma garrafa ainda cheia, de reserva. O que fazia sentido, tendo em conta as duas garrafas de *vodka* e a garrafa de cerveja artesanal que estavam na cozinha.

Não havia drogas, o que levou Eve a assumir que Jacie substituíra os químicos pelo álcool.

Abriu o *link* de secretária e passou as transmissões recebidas e enviadas nos três dias anteriores. Uma chamada para a sua conselheira, a pedir uma licença profissional de categoria superior, uma outra, recebida e não atendida, do senhorio, a respeito de uma renda em atraso, e ainda outra para um cirurgião plástico para ricos, a pedir preços.

Nada de conversas com amigos, refletiu Eve.

Percorreu os registos, localizou os dados financeiros, e achou a contabilidade de Jacie parcimoniosa e eficaz. Ela prestava atenção às suas contas, concluiu Eve: fazia o trabalho, depositava o dinheiro e reinvestia a maior parte no negócio. Tinha despesas consideráveis com guarda-roupa, tratamentos corporais, cabeleireiro e estética facial.

Uma mulher habituada a ser atraente, pensou Eve. Queria manter-se atraente. Autoestima baseada na aparência, que por sua vez se baseava na atração sexual, que lhe permitia vender-se por dinheiro suficiente para manter a aparência.

Um ciclo estranho e triste, na opinião de Eve.

— Conseguiu fazer um ninho acolhedor numa árvore muito feia — comentou. — Não há transmissões nem correspondência de alguém chamado Jack, nem de homem nenhum, na verdade. Algum casamento ou coabitação de que se saiba?

— Não, tenente.

— Vamos falar com a conselheira dela, saber se havia alguém próximo, ou que tivesse sido próximo em tempos. Mas não me parece que seja o caso do assassino.

— Dallas, o que ele lhe fez... parece ter sido pessoal.

— Parece, sim. — Voltou-se, olhando novamente em redor. Um

quarto asseado, típico de rapariga, a que Jacie tentara desesperadamente dar um pouco de classe. — Acho que foi muito pessoal, mas não destinado especificamente à vítima. Ele matou uma mulher, e uma mulher que ganhava a vida a vender o corpo. Essa é a parte pessoal. Não só matá-la como ainda lhe retirar a parte do corpo que ela usava para fazer dinheiro. Não é difícil encontrar uma prostituta nesta zona, a qualquer hora da noite. Basta escolher o local e o momento. Uma amostra do trabalho dele — murmurou Eve. — Ela não foi mais do que isso.

Dirigiu-se para a janela. Estreitando os olhos, visualizou a rua, o beco, o edifício que não se avistava dali.

— Talvez ele a conhecesse, ou já a tivesse visto. Também pode ter sido fortuito. Mas ele estava pronto, caso a oportunidade surgisse. Tinha a arma, o bilhete escrito e selado, e alguma mala... ou um saco ou uma mochila, com roupa lavada, ou onde guardar o que trazia vestido. De certeza que ficou coberto do sangue dela — concluiu Eve.

Passados instantes, continuou.

— Ela acompanha-o até ao beco. Está calor, é tarde, o negócio não pode estar a correr muito bem. Mas surge um trabalho, talvez um último trabalho antes de ela regressar a casa. É uma mulher experiente, anda nesta vida há duas décadas, mas não percebe que ele é de evitar. Talvez ela tenha estado a beber, ou talvez ele tenha desviado os olhos. E a verdade é que ela não está habituada a andar na rua, não tem o instinto apurado.

Acostumada a uma vida melhor, pensou Eve, às taras dos ricos e discretos. Para ela, ir para Chinatown deve ter sido como aterrar em Vénus.

— Ela está de pé contra a parede. — Eve conseguia ver a cena, conseguia vê-la na perfeição. O cabelo escuro espetado, com reflexos prateados, o vermelho provocante da roupa. — E ela está a pensar que precisa do dinheiro para pagar a renda, e espera que ele se despache, porque lhe doem os pés... Caramba, devia estar aflita, com aqueles sapatos. Está cansada, mas aceita mais um trabalho, antes de dar a noite por terminada.

»Quando ele lhe corta a garganta, apanha-a completamente de surpresa. Tinha de ser rápido e sem hesitações. Um golpe rápido, da direita para a esquerda, apanhando as veias jugulares. Um jato de sangue filho da mãe. O corpo dela está morto antes de o cérebro processar a informação. Mas aquilo é só o começo para ele.

Eve voltou-se e observou a cómoda. Bijuteria, batons caros. Perfumes, imitações de peças de *designer*, porque ela já tinha usado as originais e de boa vontade tornaria a usá-las.

— Ele deita-a, prepara-a, depois corta-lhe o que ela tem de mulher. Trazia um saco onde pôr o que lhe tirou. No fim, limpa as mãos.

Eve conseguia vê-lo também a ele, a sombra agachada na ruela imunda, as mãos viscosas de sangue.

— Aposto que também limpou os instrumentos, mas, as mãos, limpa-as de certeza. Pega no bilhete que escreveu, pouso-o sobre os seios dela. Teve de mudar de camisa, ou vestiu um casaco. Uma coisa ou outra, por causa do sangue. E em seguida?

Peabody pestanejou.

— Eh, afasta-se, achando que o trabalho ficou bem feito. Vai para casa.

— Como?

— Hum, a pé, se não morar longe. — Respirou fundo, obrigando-se a sair do beco e a entrar na cabeça da tenente Dallas. Na mente do assassino. — Sente-se eufórico, por isso nem tem medo de ser assaltado. Se não viver perto, deve ter um transporte próprio, porque, mesmo tendo mudado de roupa ou vestido algo por cima, está sujo de sangue, e o cheiro podia denunciá-lo. Seria um risco estúpido apanhar um táxi ou o metro.

— Muito bem. Vamos verificar se foi chamado algum táxi à zona do crime por volta daquela hora, mas o mais certo é não descobrirmos nada. Vamos selar o apartamento e inspecionar o prédio.

Os vizinhos, como seria de esperar num lugar como aquele, não sabiam de nada, não tinham ouvido nada, nem visto nada. O senhorio tinha um balcão em Chinatown, entre um mercado com pernas de pato em promoção e uma loja de medicina alternativa que prometia saúde, bem-estar e equilíbrio espiritual, ou restituía o dinheiro ao cliente.

Eve reconheceu o género de Piers Chan, os braços musculosos em mangas de camisa, o bigode pequeno sobre lábios finos. As instalações humildes e o anel de diamante no mindinho.

Mestiço, era asiático o bastante para ter negócios em Chinatown, embora o seu último antepassado a ver Pequim devesse ter assistido à Revolta dos Boxers.

Como Eve imaginara, Chan tinha a sua casa e a sua família num subúrbio elegante em Nova Jérсия, enquanto arrendava pardieiros em Lower East Side.

— Wooton, Wooton. — Tendo mandado dois funcionários ocuparem-se nas traseiras, Chan folheou o seu livro de inquilinos. — Sim, alugou um T0 luxuoso em Doyers.

— Luxuoso? — repetiu Eve. — E onde é que está o luxo?

— Tem uma cozinha com frigorífico encastrado e AutoChef. Tudo incluído. Ela tem a renda em atraso. Devia ter recebido há uma semana. Dei-lhe o aviso habitual há dois dias. Vou dar-lhe o segundo hoje, depois uma ordem de despejo automático na semana que vem.

— Não será necessário, visto que ela se mudou para a morgue da cidade. Foi assassinada esta madrugada.

— Assassinada. — Chan franziu o sobrolho, numa expressão em que Eve leu mais irritação do que pena ou choque. — Raios. Vão selar o apartamento?

Eve pôs a cabeça de lado.

— E pergunta isso porque...?

— Ouça, tenho seis prédios, setenta e dois apartamentos. Em tantos inquilinos, alguns vão esticar o pernil, de uma maneira ou outra. Há sempre uma morte sem testemunhas, uma morte suspeita, uma morte acidental, um suicídio. — Foi contando as várias hipóteses com os seus dedos gordos. — E há sempre um homicídio. — Para indicar esta última, usou o polegar. — Então, aparecem vocês, selam o apartamento, contactam a família. Antes que eu dê por isso, já um tio qualquer levou tudo o que lá estava, e eu fico sem o dinheiro da renda.

Agora tinha as mãos abertas, e lançou a Eve um olhar ofendido.

— Estou só a tentar ganhar a vida.

— Tal como ela, quando alguém decidiu esfaqueá-la.

O homem encheu as bochechas de ar.

— Quando uma pessoa tem aquele trabalho, já se sabe que fica com uns pedaços a menos.

— Sabe, essa demonstração de humanitarismo está a sufocar-me de emoção, por isso vamos diretos ao assunto. Conhecia a Jacie Wooton?

— Conhecia a inscrição dela, as suas referências, e a renda que lhe cobrava. Nunca lhe pus a vista em cima. Não tenho tempo para fazer amizade com os meus inquilinos. São muitos.

— Pois. E se um inquilino se atrasa a pagar a renda, se tenta escapar à ordem de despejo, faz-lhe uma visitinha, para lhe lembrar as regras do jogo?

O homem passou um dedo sobre o bigode.

— Faça tudo de acordo com a lei. Sai-me caro pôr os caloteiros

em tribunal, mas faz parte das despesas. Faz parte do negócio. Não ia reconhecer essa Wooton nem que ela aparecesse aqui para me fazer um servicinho. Além disso, estive em casa, em Bloomfield, na noite passada, com a minha mulher e os miúdos. Foi lá que tomei o pequeno-almoço, esta manhã, e vim para a cidade no das sete e um quarto, como faço todos os dias. Se precisar de mais alguma coisa, fale com os meus advogados.

— Pulha — declarou Peabody, já na rua.

— Oh sim, e aposto que cobra parte da renda em bens e serviços. Favores sexuais, saquinhos de festa com droga, produtos roubados. Podíamos complicar-lhe a vida, por uma questão de justiça, se tivéssemos o tempo por nossa conta. — Inclinou a cabeça, observando as aves depenadas em exposição, tão magras que a morte devia ter sido um alívio, e as patas separadas para venda. — Como é que se comem as patas? — perguntou-se Eve em voz alta. — Começando pelos dedos e subindo, ou começando pelos tornozelos e descendo? Será que os patos têm tornozelos?

— Passei muitas noites acordada a meditar sobre isso.

Apesar do seu olhar indiferente, Eve estava satisfeita de ver a sua ajudante em sintonia com o momento.

— Fazem aqui a matança dos animais, não é? Esquartejam as aves nas cozinhas. Facas afiadas, muito sangue, algum conhecimento de anatomia.

— Cortar uma ave tem de ser muito mais simples do que cortar um ser humano.

— Não sei. — Eve pousou as mãos nas ancas, refletindo. — Tecnicamente, sem dúvida. Há mais massa, por isso é preciso mais tempo e, possivelmente, mais habilidade do que para usar a máquina de depenar aves. Mas se não se vir aquela massa como humana, não é assim tão diferente. Talvez ele tenha praticado com animais, para apanhar o jeito. Ou talvez seja um médico, ou um veterinário, que perdeu o juízo. Mas era alguém que sabia o que estava a fazer. Um açougueiro, um médico, um amador talentoso, mas alguém que foi aperfeiçoando a sua técnica ao longo do tempo, para poder prestar homenagem ao seu herói.

— Ao seu herói?

— Jack — disse Eve, dando meia-volta, para regressar ao carro. — Jack, *o Estripador*.

— Jack, *o Estripador*? — De boca aberta, Peabody deu uma corridinha para apanhar a tenente. — Queres dizer... como em Londres, em... naquela época?

— Finais do século XIX. Whitechapel. Uma zona pobre de Londres na era vitoriana, frequentada por prostitutas. Ele matou entre cinco e oito mulheres, talvez mais, todas num raio de quilómetro e meio, aproximadamente, num período de um ano.

Sentou-se ao volante, lançando um olhar rápido a Peabody, que a fitava boquiaberta.

— Que foi? — perguntou Eve. — Não posso saber coisas?

— Sim, tenente. Sabes imensas coisas, mas história não é propriamente a tua área.

O homicídio era a sua área, pensou Eve, pondo o carro em movimento. E sempre fora.

— Enquanto as outras rapariguinhas liam histórias sobre patinhos fofos e ainda não esventrados, eu lia sobre o Jack, e vários outros assassinos em série.

— Lias... coisas dessas, em criança?

— Sim. Porquê?

— Bem... — Peabody não sabia o que dizer. Tinha conhecimento de que Eve crescera em instituições, em casas de acolhimento e orfanatos. — Os adultos responsáveis não acompanhavam os teus interesses? Quero dizer, os meus pais... que não eram pessoas para limitar as nossas escolhas... teriam proibido esse tipo de leitura quando éramos crianças. Sabes, os anos em que se forma a personalidade, e tudo isso, os pesadelos, as cicatrizes emocionais...

Eve ficara marcada, de todas as formas possíveis, muito antes de conseguir ler mais do que algumas palavras básicas. Quanto aos pesadelos, não se lembrava de alguma vez em que não os tivesse tido.

— Enquanto pesquisava na *internet* sobre o Estripador ou John Wayne Gacy, estava ocupada e não me metia em sarilhos. Esses eram os principais critérios.

— Imagino. Então, sempre soubeste que querias ser polícia.

Eve sabia que não queria ser uma vítima. Depois percebera que queria defender a vítima. O que significava ser polícia.

— Mais ou menos. O Estripador enviou mensagens à polícia, mas só ao fim de algum tempo. Não o fez logo de início, como o nosso homem. Este tipo quis que soubéssemos logo qual é a sua ideia. Quer jogar.

— Quere-te a ti — disse Peabody, e Eve anuiu.

— Acabei de sair de um caso muito mediático. Muito tempo de antena. Muito ruído. E o caso Purity, no começo do verão, também deu nas

vistas. Ele tem estado a acompanhar. Agora quer ser ele a gerar ruído. O Jack teve muita atenção, no seu tempo.

— Ele quer que estejas envolvida, e quer a comunicação social focada nele. A cidade fascinada por ele.

— É o que eu penso.

— Então, vai atacar outra prostituta, na mesma área.

— Seria esse o padrão. — Eve fez uma pausa. — E é o que ele quer fazer-nos pensar.

O passo seguinte era falar com a conselheira de Jacie, que trabalhava num escritório de três salas na periferia de East Village. Sobre a sua grande secretária a abarrotar, encontrava-se uma taça com rebuçados coloridos. Estava sentada atrás dos doces, com um fato cinzento que lhe dava um ar de matrona.

Eve calculou que ela estaria perto dos sessenta anos; tinha um rosto amável e, a contrastar, uns olhos castanhos-claros perscrutantes.

— Tressa Palank. — Levantou-se para dar um firme aperto de mão a Eve, depois indicou-lhe uma cadeira. — Imagino que a sua visita diga respeito a uma das minhas clientes. Tenho dez minutos antes da reunião seguinte. Em que posso ajudar?

— Fale-me sobre a Jacie Wooton.

— Jacie? — Tressa ergueu as sobrancelhas, um sorriso a aflorar-lhe os lábios, mas o seu olhar firme traía receio. — Não acredito que ela vos tenha dado problemas. A Jacie está no bom caminho, determinada a recuperar a sua licença de primeira categoria.

— A Jacie Wooton foi assassinada durante a noite.

Tressa fechou os olhos, e durante alguns segundos limitou-se a inspirar e expirar.

— Sabia que era uma das minhas. — Voltou a abrir os olhos, fitando a tenente. — Soube-o logo que ouvi a notícia do assassinio em Chinatown. Uma sensação nas entranhas, se é que me entende. A Jacie. — Juntou as mãos sobre a secretária, olhando fixamente para elas. — Que lhe aconteceu?

— Não posso revelar pormenores, de momento. Posso apenas dizer que foi esfaqueada.

— Mutilada. No noticiário, disseram que uma prostituta com licença tinha sido mutilada numa ruela de Chinatown, esta madrugada.

Um dos agentes, pensou Eve, e havia de lhe sair caro, quando ela descobrisse a origem da fuga.

— Para já, não posso dizer-lhe mais nada. A investigação está numa fase inicial.

— Conheço o procedimento. Foi o meu trabalho durante cinco anos.

— Foi polícia?

— Cinco anos, sobretudo crimes sexuais. Passei para o aconselhamento. Não gostava do trabalho na rua, ou do que via na rua. Aqui, posso fazer alguma coisa para ajudar, sem ter de enfrentar o dia a dia. Não é um mar de rosas, de modo algum, mas é o que sei fazer melhor. Vou dizer-lhe o que souber; espero que ajude.

— Ela falou consigo recentemente. Parece que queria uma licença de categoria superior.

— O pedido foi recusado. Ela tem... tinha... mais um ano de liberdade condicional. É obrigatório, por causa das detenções e da dependência. A reabilitação correu bem, embora eu desconfie que ela tivesse arranjado um substituto para o Push, em que tinha estado viciada.

— *Vodka*. Duas garrafas, no apartamento dela.

— Bem. É legal, mas viola os requisitos para subir de categoria, estando em liberdade condicional. Não que isso importe, agora.

Tressa esfregou os olhos e suspirou.

— Não que isso importe — repetiu. — Tudo o que ela queria era voltar a ser acompanhante de luxo. Odiava trabalhar nas ruas, mas também nunca considerou seriamente uma profissão alternativa.

— Ela tinha clientes regulares?

— Não. Em tempos teve uma lista de clientes bastante extensa, homens e mulheres seletos de alta condição. Tinha licença para ambos os sexos. Mas, tanto quanto sei, ninguém a seguiu quando ela mudou de zona. Creio que me teria dito, pois teria sido bom para o seu ego.

— E sabe quem a fornecia?

— Ela nunca revelou o nome do traficante, nem sequer a mim. Mas jurava que não tinha voltado a ter contacto com ele desde que saíra da prisão. Acreditei nela.

— Na sua opinião, ela terá mantido o nome em segredo por receio?

— A meu ver, tratava-se de uma questão de ética. Passou metade da sua vida como acompanhante. Uma boa profissional é discreta e considera a privacidade dos seus clientes como algo sagrado, à semelhança de um médico ou de um padre. Ela devia seguir a mesma regra com

o traficante. Suspeito que ele fosse também seu cliente, mas é só um palpite.

— Pareceu-lhe, nas vossas últimas sessões, que ela estivesse preocupada, com medo de alguma coisa ou de alguém?

— Não. Estava apenas impaciente por voltar à sua vida de outros tempos.

— Com que frequência a via?

— Ela vinha de duas em duas semanas, como ficou definido, quando saiu em liberdade condicional. Nunca faltou. Fazia os exames médicos regulares, estava sempre disponível para testes aleatórios. Colaborava de todas as formas possíveis. Tenente, a Jacie era uma mulher comum, um pouco perdida e fora do seu elemento. Não tinha experiência da rua, estando habituada a uma clientela mais seleta e a uma rotina diferente. Apreciava coisas elegantes, preocupava-se com a sua aparência, queixava-se das restrições de preço que esta licença lhe impunha. Já não se dava com ninguém, porque tinha vergonha da situação em que se encontrava, e porque sentia que as pessoas do seu atual círculo económico não estavam à sua altura.

Tressa levou os dedos aos lábios, por um instante.

— Peço desculpa. Não quero deixar-me perturbar, nem encarar isto num plano pessoal, mas não consigo evitá-lo. É uma das razões por que não me dava bem no terreno. Gostava da Jacie, e queria ajudá-la. Não sei quem poderá ter-lhe feito isto. Mais um ato fortuito, contra alguém mais fraco. Só uma prostituta, afinal.

Sentindo a sua voz fraquejar, Tressa pigarreou e inspirou com força pelo nariz.

— Ainda há muita gente que pensa assim, ambas sabemos. Vêm ter comigo espancadas e exploradas, humilhadas, feridas. Algumas desistem, algumas aguentam-se, algumas conseguem passar para outro nível e vivem como se fossem da realeza. E algumas são atiradas para a sarjeta. É uma profissão perigosa. Polícias, profissionais de saúde e dos serviços de emergência, prostitutas. Profissões perigosas, com uma taxa de mortalidade elevada.

»A Jacie queria a sua antiga vida de volta — disse Tressa. — E isso matou-a.

C A P Í T U L O 2



Eve passou pela morgue. Era mais uma oportunidade para a vítima lhe dizer alguma coisa. Não tendo verdadeiros amigos, nem inimigos, tanto quanto se sabia, não tendo colegas nem família, Jacie Wooton surgia como uma mulher solitária com uma profissão baseada no contacto físico. Alguém que encarava o corpo como a sua principal mais-valia e que escolhera usá-lo para se dar bem na vida.

Eve precisava de saber o que tinha esse corpo a dizer-lhe sobre o assassino.

A meio do corredor da casa dos mortos, deteve-se.

— Arranja um sítio onde te sentares — disse a Peabody. — Quero que contactes e persigas os tipos do laboratório. Suplica, choraminga, ameaça, o que quer que funcione, mas eles que identifiquem o papel da carta.

— Eu aguento. Entro contigo. Não vou descontrolar-me outra vez.

Eve notou que ela já estava pálida. Devia estar a rever tudo, a ruela, o sangue coagulado. Claro que ia aguentar, pensou Eve, mas isso teria um preço. E não era preciso pagar esse preço, não desta vez.

— Não estou a dizer que não aguentas; estou a dizer-te que preciso de saber de onde veio aquele papel de carta. Quando o assassino nos deixa alguma coisa, seguimos-lhe o rasto. Arranja um sítio onde te sentares, faz o que tens a fazer.

Sem dar a Peabody hipótese de argumentar, Eve caminhou até ao fundo do corredor e entrou na sala onde o corpo a esperava.

Esperava que fosse Morris, o médico-legista-chefe, a encarregar-se daquele caso, e não ficou desapontada. Como muitas vezes acontecia, encontrou-o a trabalhar sozinho, com todo o equipamento protetor sobre uma bata azul e calças justas.

Morris tinha o cabelo comprido apanhado num rabo de cavalo reluzente e coberto com uma touca, para impedir a contaminação do corpo. Do seu pescoço pendia um medalhão, algo de prata com uma pedra de um vermelho-vivo. As mãos do médico estavam ensanguentadas, e a sua cara atraente, algo exótica, parecia de pedra.

Era frequente Morris ouvir música enquanto trabalhava, mas hoje a sala estava silenciosa, à exceção do zumbido suave das máquinas e do som aterrador do bisturi a laser.

— De tempos a tempos — disse ele, sem erguer os olhos —, vejo algo que ultrapassa os limites. Os limites do humano. E sabemos que o ser humano tem uma incrível capacidade para ser cruel com os da sua própria espécie, não é verdade, Dallas? Mas de tempos a tempos, vejo algo que leva essa capacidade ainda um pouco mais longe.

»O que a matou foi o golpe na garganta.

— Um pouco de sorte no meio do azar. — Compreendendo, Morris levantou a cabeça. Por trás dos óculos, os seus olhos não sorriam, como era costume, nem mostravam qualquer vestígio de fascínio pelo seu trabalho.

— Ela não sentiu o resto do que ele lhe fez, não viu o que lhe aconteceu. Estava confortavelmente morta antes de ele a esquarterar.

— Foi isso que ele fez?

— Como defines isto? — Morris atirou o bisturi para um tabuleiro e indicou, com uma mão ensanguentada, o corpo mutilado. — Como raio defines isto?

— Não tenho palavras. Acho que não existem. Brutal não chega. Malévolo não cobre algo assim, não exatamente. Não posso pôr-me a filosofar agora, Morris, e isso não ia ajudá-la. Preciso que me digas se ele sabia o que estava a fazer, ou se isto foi obra de um amador.

Morris tinha a respiração acelerada. Para se acalmar, tirou os óculos, a touca, depois foi lavar o selante e o sangue que tinha nas mãos.

— Ele sabia o que estava a fazer. Os cortes foram precisos. Sem hesitações, sem movimentos desnecessários. — O médico abriu um frigorífico

e tirou de lá duas garrafas de água. Tendo atirado uma a Eve, bebeu avidamente da sua. — O nosso assassino segue as regras à risca. Preciso de me sentar um pouco. — E assim fez, passando a mão entre as sobrancelhas, até ao cimo da testa. — Esta mulher tocou-me. Não se consegue prever quando ou como isto nos vai acontecer. Apesar de tudo o que vemos aqui, dia após dia, esta mulher de quarenta e um anos, com a sua pedicura feita em casa e o joanete no pé esquerdo, tocou-me.

Eve não sabia ao certo como lidar com aquele estado de espírito de Morris. Seguindo o seu instinto, puxou uma cadeira, sentou-se ao lado dele, bebeu um pouco de água. O médico não desligara o gravador, pensou Eve. Seria ele a decidir se havia de editar a gravação.

— Precisas de férias, Morris.

— Concordo — disse ele, com uma risadinha. — Ia de férias amanhã. Duas semanas em Aruba. Sol, mar, mulheres nuas, daquelas que ainda respiram. E muito álcool ingerido de cascas de coco.

— Vai.

Ele abanou a cabeça.

— Adiei. Quero ver este caso resolvido. — Fitou-a. — Há casos que temos de ver resolvidos. Quando a vi, quando vi o que lhe fizeram, percebi que não ia estar sentado numa praia amanhã.

— Podia dizer-te que tens pessoal muito competente a trabalhar para ti. E que eles iam encarregar-se bem dela e de quem quer que aqui apareça nas próximas duas semanas.

Eve bebericava a sua água enquanto examinava o corpo de Jacie Wooton, deitado na mesa de autópsia naquela sala fria.

— Podia dizer-te que vou encontrar o filho da mãe que a matou, e construir um processo que garanta que ele vai pagar pelo que fez. Podia dizer-te tudo isto, e seria tudo verdade. Mas eu também não iria de férias. — Inclinou a cabeça para trás, encostando-a à parede. — Também não iria.

Morris imitou a posição dela, cabeça encostada à parede, pernas esticadas. Com o corpo de Jacie Wooton sobre a mesa, poucos metros à sua frente.

E o silêncio, ao fim de alguns momentos, tornou-se agradável.

— Que raio se passa connosco, Dallas?

— Sei lá.

Ele fechou os olhos por um instante, sentindo-se mais calmo.

— Adoramos os mortos.

Quando ela bufou, ele sorriu, os olhos ainda fechados.

— E não da forma doente de quem abusa de cadáveres, mente perversa. Não. Independentemente de quem eles foram quando estavam vivos, adoramo-los porque foram enganados e maltratados, porque foram os mais oprimidos de todos.

— Bem, acho que estamos mesmo a filosofar.

— Também me parece.

Então, Morris fez algo que raramente fazia. Tocou-lhe. Apenas uma palmadinha da sua mão nas costas da mão dela. Mas havia naquele gesto uma espécie de intimidade, como Eve se apercebeu. Um contacto afetuosos, de camaradagem, e mais pessoal do que qualquer ato que a vítima tivesse partilhado com um cliente.

— Aparece-nos aqui todo o tipo de vítima — continuou Morris —, desde bebês a velhos decrepitos, e tudo o que há no meio. Tenham ou não sido amados em vida, somos os seus companheiros mais íntimos na morte. E por vezes essa intimidade toca-nos no fundo e contorce-nos as entranhas. Ah, sim.

— Parece que ela não tinha ninguém, ninguém próximo, na sua vida. Pelo que vi no apartamento dela, a falta de... acho que se pode dizer, a falta de sentimento... ela não queria ninguém na sua vida. Por isso... agora, somos só os dois.

— Certo. — Morris bebeu mais um gole de água, pôs-se de pé. — Certo. — Pousando a garrafa, voltou a selar as mãos, pôs os óculos. — Apressei o exame toxicológico, embora não nos sirva de muito. O fígado acusa algum desgaste, excesso de álcool. Ainda assim, não encontrei danos graves nem sinais de doença. A última refeição foi massa, cerca de seis horas antes da morte. Ela aumentou o peito e fez um *lifting* à zona dos olhos, outro ao traseiro e uma correção ao maxilar. Tudo bom trabalho.

— Recente?

— Não. A intervenção no traseiro deve ter sido há uns dois anos, e penso que foi a última.

— Faz sentido. A vida dela teve um revés, e ela não podia pagar a bons médicos nos últimos tempos.

— Voltando à intervenção que ela sofreu mais recentemente: o assassino usou uma faca de lâmina fina, provavelmente um bisturi, para o corte da garganta, da direita para a esquerda, num movimento descendente. Pelo ângulo, ela tinha o queixo levantado, a cabeça inclinada para

trás. Ele atacou-a pelas costas; provavelmente, puxou-lhe a cabeça pelo cabelo com a mão esquerda, deu o golpe com a direita. — Morris simulou o gesto, usando ambas as mãos sobre uma forma invisível. — Um golpe que cortou as jugulares.

— Muito sangue. — Eve continuava a observar o corpo, mas imaginou Jacie Wooton viva e de pé, a cara contra a parede suja da viela. Depois o movimento súbito da cabeça, o choque rápido, a dor intensa, a confusão. — Um jorro de sangue.

— Sim, muito sangue. De certeza que ele ficou sujo, mesmo tendo-a atacado por trás. Quanto ao resto, foi uma única incisão, longa. — Morris desenhou com um dedo no ar. — Rápida, sem desperdício. Não se pode dizer que tenha sido perfeita, ou cirúrgica, mas não foi a primeira vez para ele. Já tinha cortado carne antes. Não só em simulações, na minha opinião. Tem de ter lidado com carne e sangue antes do que fez a esta pobre mulher.

— Não foi uma incisão cirúrgica. Não pode ter sido um médico, é isso?

— Não acho que seja de excluir essa hipótese. Ele tinha pressa, a luz era fraca, o entusiasmo, o medo, a excitação. — O rosto exótico de Morris refletia a repugnância que lhe ia na alma. — O que quer que motive este tipo de... bem, faltam-me outra vez as palavras. A motivação dele, fosse ela qual fosse, pode ter-lhe prejudicado o desempenho. Retirou os órgãos femininos com prontidão, digamos assim. Não é possível determinar se houve contacto sexual antes da remoção. Mas, pela hora da morte, não pode ter havido tempo para jogos, porque entre o corte da garganta e a mutilação passaram-se apenas minutos.

— Dirias que é um profissional da área da medicina? Técnico, veterinário, enfermeiro? — Eve fez uma pausa, deliberadamente, pôs a cabeça de lado. — Patologista?

Ele sorriu-lhe.

— É possível, sem dúvida. Tinha de ter uma destreza considerável, dadas as circunstâncias. Mas também não precisava de se preocupar com as hipóteses de sobrevivência da paciente. Tinha de ter algum conhecimento de anatomia e dos utensílios que usou. Eu diria que ele estudou, que praticou, certamente, mas pode não ter uma licenciatura em Medicina, e pode não se ter exercitado com o objetivo de manter o paciente vivo. Disseram-me que ele deixou uma mensagem.

— Deixou, dirigida a mim, para se certificar de que eu ficaria responsável pelo caso.

— Então, fez disto uma questão pessoal.

— Íntima, até.

— Vou ver os resultados dos testes e dou-te o relatório assim que puder. Quero fazer mais algumas verificações, tentar saber mais sobre as facas.

— Ótimo. Leva as coisas com calma, Morris.

— Oh, é o que for — disse ele, quando Eve já se encaminhava para a porta. — Dallas? Obrigado.

Ela olhou para trás.

— Não tens de quê.

Uma vez no corredor, fez sinal a Peabody.

— Diz-me o que eu quero saber.

— O laboratório, depois de muita bajulação da minha parte, conseguiu apurar que a folha e o envelope são de uma variedade de papel apergaminhado. Nem sequer é papel reciclado, o que não só choca o meu coração *free-ager* como também significa que só pode ter sido produzido e vendido fora dos Estados Unidos e dos seus territórios. Temos leis, aqui.

Eve arqueou as sobancelhas, voltando ao calor do exterior.

— Pensava que os Free-Agers não acreditavam em leis feitas pelo Homem que ditam a interferência do governo na sociedade.

— Acreditamos, quando isso serve os nossos propósitos. — Peabody deslizou para o interior do carro. — É inglês. O papel foi fabricado na Grã-Bretanha, e só pode ser encontrado em meia dúzia de pontos de venda na Europa.

— Não é comercializado em Nova Iorque.

— Não, senhora. E é difícil comprá-lo através da *internet* ou encomendá-lo por correio, porque os produtos de papel não-reciclado são proibidos no nosso país.

— A-hã. — O cérebro de Eve estava já alguns passos à frente, mas como Peabody estava a estudar para o exame de inspetores, a tenente viu ali uma boa pergunta para lhe fazer. — Então, como pode ter ido da Europa até um beco em Chinatown?

— Bem, produtos de toda a espécie entram nos Estados Unidos como contrabando. Há o mercado negro. E quando se viaja com outro passaporte, de visita aos EUA, pode-se transportar algumas mercadorias que não sejam propriamente legais. É o caso dos diplomatas, por exemplo. Seja como for, há um preço a pagar, e é alto. Esse papel, especificamente, é vendido a vinte eurodólares. Cada folha. O envelope custa doze.

— Foram os tipos do laboratório que te disseram isso?

— Não, senhora. Enquanto estava à tua espera, fiz a pesquisa.

— Bom trabalho. Descobriste os pontos de venda?

— Todos os que são conhecidos. Embora o papel seja fabricado exclusivamente na Grã-Bretanha, há seis retalhistas e dois armazéns, tanto quanto se sabe, que vendem papel deste estilo e com este peso. Dois deles ficam em Londres.

— Ah sim?

— Pensei que, como ele está a imitar o Jack, o *Estripador*, Londres seria a aposta mais certa.

— Começa por aí. Vamos verificar todos os pontos de venda, mas Londres será a nossa prioridade. Vê se consegues uma lista de compradores desse papel.

— Sim, tenente. Quanto ao que aconteceu esta manhã... Sei que não fiz o meu trabalho...

— Peabody — interrompeu-a Eve. — Eu disse-te que não fizeste o teu trabalho?

— Não, mas...

— Desde que estás sob o meu comando, já alguma vez hesitei em dizer-te que não tinhas feito o teu trabalho de acordo com os meus parâmetros, ou que estava insatisfeita com o teu desempenho, ou que tinhas feito asneira de algum tipo, modo ou forma?

— Bem, não. — Peabody encheu as bochechas de ar, depois soprou audivelmente. — Agora que falas nisso, não.

— Então, esquece, e trata de arranjar essas listas de clientes.

Na Central, ao entrar na sala dos inspetores, Eve foi assaltada por perguntas, rumores e especulação a respeito do homicídio Wooton. Se o caso gerara aquele zumbido entre a polícia, então o público devia estar aos gritos.

Refugiando-se no seu gabinete, Eve tirou um café do AutoChef e depois ouviu as suas mensagens e transmissões perdidas.

Parou de contar as mensagens de jornalistas quando atingiu o número vinte. Seis delas eram de Nadine Furst, do Canal 75.

Com a chávena de café na mão, Eve sentou-se e pôs-se a tamborilar na secretária. Teria de lidar com a comunicação social, mais cedo ou mais tarde.

Preferia que fosse mais tarde. Podia ser em qualquer momento do milénio seguinte. No entanto, teria de fazer uma declaração. Concisa e oficial, decidiu. Nada de *sound bytes* nem entrevistas.

Isso era o que ele queria. Vê-la e ouvi-la a falar sobre ele, a ocupar tempo de antena e a fazer correr tinta nos jornais, dando-lhe alguma glória.

Era o que muitos queriam, refletiu Eve. A maioria deles. Mas este queria causar sensação. Queria os média a gritar:

ESTRIPADOR DOS DIAS DE HOJE
ATACA EM NOVA IORQUE

Sim, era mesmo o estilo dele. Grande, ousado, exibicionista.

Jack, *o Estripador*, pensou a tenente, e virou-se para o computador, começando a tomar notas.

Antepassado do *serial killer* dos dias de hoje.

Nunca apanhado, nunca identificado com certeza absoluta.

Figura central em numerosos estudos, histórias, especulações, ao longo de quase dois séculos.

Objeto de fascínio e repulsa. E medo.

O excesso de atenção da imprensa alimentara o pânico e o interesse no período dos seus crimes.

O seu imitador conta escapar a ser detetado. Quer suscitar medo e fascínio, e competir com a polícia. Provavelmente estudou o protótipo. Provavelmente estudou medicina, formal ou informalmente, de modo a cometer o crime inicial. Papel de carta elegante, possível símbolo de riqueza ou bom gosto.

Alguns dos principais suspeitos no caso Estripador pertenciam à aristocracia, refletiu Eve. Até à realeza. Acima da lei. Pessoas que se consideravam acima da lei.

Também se especulava que o Estripador era um americano em Londres. Ela sempre achara essa hipótese sem fundamento, mas... seria possível que o seu assassino fosse um britânico na América?

Ou talvez um... qual era o termo... um anglófilo? Alguém que admirava coisas britânicas. Teria ele viajado até lá, e percorrido as ruas de Whitechapel? Revivendo os acontecimentos? Imaginando-se na pele do Estripador?

Eve começou a escrever um relatório, depois interrompeu-se, ligou para o gabinete da doutora Mira e regateou uma marcação.

...

A doutora Charlotte Mira trazia um dos seus fatos elegantes, de um azul-gelo que ela combinara com três correntes de ouro finas e longas. O seu cabelo castanho suave tinha algumas madeixas fulgurantes a emoldurar-lhe o rosto bonito. As madeixas eram novas, reparou Eve, e perguntou-se se seria o tipo de coisa que devia comentar ou se, pelo contrário, devia fingir não ter notado.

Nunca se sentia muito à vontade em território feminino.

— Obrigada por ter arranjado tempo para me receber — começou Eve.

— Já tinha pensado que talvez me contactasse hoje. — Mira apontou para uma das suas cadeiras em forma de meia-lua. — Está toda a gente a falar do seu caso, do seu caso especialmente repugnante.

— Quanto mais repugnante, mais conversa.

— Sim, tem razão. — Imaginando que Eve subsistira à custa de café todo o dia, Mira programou o seu AutoChef para chá. — Não sei até que ponto o que ouvi corresponde à verdade.

— Estou a meio do meu relatório. Sei que é cedo para lhe pedir que trace um perfil, mas neste caso não quero esperar. Se estiver certa, ele ainda agora começou. A Jacie Wooton não era o alvo dele, não especificamente. Acho que ele não a conhecia, nem ela a ele.

— Parece-lhe que foi aleatório.

— Não exatamente. Ele queria um certo tipo de mulher, uma prostituta. Uma prostituta de rua, numa zona pobre da cidade. Tinha requisitos muito específicos; Wooton morreu porque cumpria esses requisitos. Não foi nem mais nem menos do que isso. Vou dizer-lhe oralmente tudo o que tenho, e depois, quando terminar, envio-lhe o relatório. Mas quero... preciso — corrigiu-se — de saber se estou no caminho certo.

— Diga-me o que sabe. — Mira estendeu-lhe uma delicada chávena de porcelana, depois sentou-se e pousou a sua no joelho.

Eve começou por se referir à vítima, dando a Mira um esboço de Jacie Wooton, como ela era, como fora encontrada. Descreveu-lhe o bilhete do assassino. E resumiu o seu trabalho de campo até ao momento, bem como as descobertas preliminares de Morris.

— Jack — murmurou Mira. — Jack, *o Estripador*.

Eve inclinou-se para a frente.

— Sabe quem ele foi?

— Qualquer psicólogo criminal digno desse nome estudou o Jack Atrevido. Acha que estamos a lidar com um imitador?

— Que lhe parece a si?

Mira recostou-se e bebeu um gole de chá.

— Não há dúvida de que ele fez tudo para nos levar a essa conclusão. Será um indivíduo educado, egocêntrico. Abomina as mulheres. O facto de ter escolhido esta forma de matar é revelador. O seu protótipo para este crime atacou e mutilou mulheres de diferentes formas. E ele escolheu imitar o assassino que ataca e remove aquilo que faz da vítima uma mulher.

Eve anuiu lentamente, e Mira percebeu que ela já chegara àquela mesma conclusão.

— Basicamente, ele dessexualizou-a. Equaciona o sexo com luxúria, violência, controlo, humilhação. As suas relações com mulheres não são saudáveis nem tradicionais. Vê-se como um indivíduo de elite, astuto, ou até genial. Por isso, só a Eve lhe serve.

— Sirvo para quê?

— Para sua adversária. O maior e mais esquivo assassino dos tempos modernos não podia contentar-se com um polícia qualquer para o perseguir. Ele não conhecia a Jacie Wooton, concordo. Ou se conhecia, era apenas com o objetivo de selecionar a vítima certa. Mas ele conhece-a a si. A Eve é um alvo, tanto como ela. Mais. A Jacie Wooton era um peão, um entusiasmo momentâneo. A Eve é o jogo.

A tenente pensara o mesmo, e ainda estava a tentar perceber como usar isso na investigação.

— Ele não me quer morta.

— Não. Pelo menos, não para já. — Um vinco de preocupação desenhou-se na testa de Mira. — Quere-a viva, para poder assistir à sua busca. Ver os média relatarem os seus feitos e a Eve a persegui-lo. O tom da carta era de provocação, e ele vai querer continuar a provocá-la. A si, que não é apenas polícia, mas uma polícia de estatuto elevado, e uma *mulher*. Ele nunca perderá com uma mulher, e a certeza de que vai esmagá-la, infligir-lhe a sua maior derrota, é para ele uma grande parte da excitação.

— Então vai ficar muito desapontado quando eu o apanhar.

— Pode ir atrás de si, se sentir que está demasiado perto, que está a arruinar-lhe a fantasia. A princípio, é um desafio, mas não creio que ele tolere a humilhação de ser vencido por uma mulher. — Mira abanou a cabeça. — Resta saber até que ponto ele assumiu a personalidade que

imita e, de entre as várias teorias sobre o Estripador, qual a *persona* em que ele acredita. É problemático, Eve. Quando ele disse «amostra do meu trabalho», queria dizer que isto foi o começo, ou que já matou antes e passou despercebido?

— É a sua primeira vez aqui, em Nova Iorque, mas vou verificar através do IRCCA. De vez em quando aparece um tarado a imitar o Estripador, mas não sei de nenhum caso em que não tenha sido apanhado.

— Mantenha-me informada, e traço-lhe um perfil mais consistente.

— Obrigada. — Eve pôs-se de pé, hesitou. — Sabe, a Peabody teve algumas dificuldades esta manhã. A vítima estava em muito mau estado e... bem, foi demasiado para o estômago da Peabody. Ela anda a remoer o que se passou. Como se fosse o primeiro polícia a vomitar em cima dos sapatos — acrescentou, num tom impaciente. — Bem, ela anda sob tensão, a preparar-se para o exame de inspetores, e além disso anda à procura de um sítio para coabitar com o McNab, coisa em que eu não quero pensar, mas ela quer. Por isso, talvez a Mira consiga arranjar um minuto para lhe dar uma palmadinha no ombro. Seja lá o que for. Merda.

Mira deu uma pequena gargalhada efervescente.

— É muito simpático da sua parte estar preocupada com ela.

— Não quero ser muito simpática — disse Eve, num tom algo apaixonado. — Nem preocupar-me com a Peabody. Não é altura para ela andar de cabeça na lua.

— Eu vou falar com ela. — Mira pôs a cabeça de lado. — E como está a Eve?

— Eu? Bem. Não tenho queixas. Hum... e consigo, está tudo bem?

— Sim. A minha filha e os meus netos vieram visitar-me. É sempre bom tê-los alguns dias lá em casa, e poder entregar-me ao meu papel de avó.

— Claro. — Mira, com o seu fato azul-gelo e as suas pernas bonitas, não parecia avó de ninguém, pensou Eve.

— Gostava muito que os conhecesse.

— Oh, bem...

— Vamos fazer um churrasco informal no domingo. Ficava muito contente se a Eve e o Roarke pudessem ir. Por volta das duas — disse Mira, antes que Eve conseguisse pensar numa resposta.

— Domingo. — Uma pequena bolha de pânico alojou-se-lhe na garganta. — Não sei se ele já terá alguma coisa combinada. Vou...

— Eu falo com ele. — Mira pousou a sua chávena, com vontade de rir. — É só família. Nada requintado. Bem, é melhor deixá-la voltar ao trabalho.

Encaminhou-se para a porta, abriu-a e praticamente empurrou Eve para fora do gabinete. Depois encostou-se à porta, a rir. Deliciava-a ver aquela expressão confusa e ligeiramente horrorizada de Eve, perante a ideia de um churrasco em família.

Viu as horas e dirigiu-se para o seu *link* de secretária. Ligaria a Roarke imediatamente, para o convidar para o churrasco, antes que Eve conseguisse arranjar uma desculpa.

Eve ainda estava horrorizada e confusa, quando regressou à Secção de Homicídios. Peabody saltou do seu cubículo e foi atrás dela.

— Tenente... Dallas.

— O que é que se faz num churrasco? — resmungou Eve. — Porque é que as pessoas hão de cozinhar, e ainda por cima ao ar livre? Está calor. Há insetos. Não percebo.

— Dallas!

— Que foi? — Eve deu meia-volta, o sobrolho franzido. — Diz.

— Tenho as listas de clientes. Não foi fácil, mas convenci os dois estabelecimentos a darem-me os nomes das pessoas que compraram aquele papel. De acordo com os seus registos, em todo o caso.

— Já verificaste os nomes?

— Ainda não. Acabei de os conseguir.

— Dá-mos. Preciso de fazer alguma coisa para pôr o meu cérebro a funcionar.

Arrancou o disco da mão de Peabody e enfiou-o no leitor sobre a sua secretária.

— Não tenho uma chávena de café na mão — comentou, vendo os nomes deslizar à sua frente. — E de certeza que me faz falta café, imediatamente.

— Sim, tenente, claro. Estás a ver? Aparecem aí uma duquesa e um conde, e a Liva Holdreak, a atriz, e...

— O café não está na minha mão. Será possível?

— *E* o Carmichael Smith, a vedeta da música, tem encomendas regulares, uma caixa de cem folhas e envelopes de seis em seis meses. — Sem parar de falar, Peabody pôs a chávena na mão que Eve lhe estendia. — A

música dele é demasiado pretensiosa para o meu gosto, mas ele, propriamente dito? Até ofusca.

— Fico muito contente por partilhares isso, Peabody. É importante para mim saber que ele é pretensioso e até ofusca, para o caso de o prender pelo homicídio da pobre Jacie Wooton. São informações essenciais.

— Estava só a comentar — resmungou Peabody.

Eve percorreu os nomes, passando para o fim da lista aqueles que, de acordo com os registos, tinham residência apenas na Europa. Começaria por verificar os que possuíam uma segunda residência nos Estados Unidos.

— O Carmichael Smith tem um apartamento em Upper West Side. A Holdreak tem uma casa nos EUA, mas fica em Nova LA. Vamos pô-la um ou dois lugares mais abaixo, na nossa lista.

Fez uma pesquisa regular, informando-se a respeito daqueles indivíduos.

— Excelentíssimos senhor e senhora Elliot P. Hawthorne. Idades: setenta e oito, e trinta e um anos, respetivamente. É pouco provável que o Elliot ande a mutilar prostitutas, com a sua idade. Casou-se há dois anos, pela terceira vez. O Elliot gosta delas jovens, e aposto que também gosta delas estúpidas.

— Não me parece estúpido, casar com um tipo velho e rico — retorquiu Peabody. — Ambicioso, isso sim.

— Uma pessoa pode ser estúpida e ambiciosa ao mesmo tempo. O Elliot tem casas em Londres, Cannes, Nova Iorque e Bimini. Fez fortuna à moda antiga. Herdou-a do pai. Não tem cadastro, nada digno de nota. Ainda assim, vamos ver se está em Nova Iorque, agora. Pode ter empregados domésticos, assistentes ou parentes doidos à sua volta, com acesso ao seu papel caro.

Eve avançou na lista.

— Fica com os nomes, Peabody. Vê se consegues descobrir quem está em Nova Iorque

Seria assim tão fácil?, perguntou-se. Seria ele arrogante ao ponto de deixar algo que permitiria tão facilmente identificá-lo? Talvez, talvez. Eve ainda teria de provar a sua culpa, mesmo que conseguisse encontrá-lo através daquele papel de carta elegante.

— Niles Renquist — continuou. — Trinta e oito anos. Casado, uma filha. Cidadão britânico com residências em Londres e Nova Iorque. Atualmente, chefe de gabinete do delegado da Grã-Bretanha na ONU,

Marshall Evans. Tens uma casinha em Sutton Place, não é verdade, Niles? Coisa fina. Também não tens cadastro, mas é melhor dar-te uma olhadela. — Bebericou o seu café, pensando vagamente em comida. — Pepper Franklin. Que raio de nome é este, Pepper? Atriz? Claro. Uma atriz britânica que é a estrela da nova versão de *Uptown Lady*. Sem cadastro. Tudo absolutamente limpo nesta lista.

Era um pouco deprimente.

Mas depois deteve-se no sujeito que vivia com Pepper Franklin, Leo Fortney.

Agressão sexual, atentado ao pudor, maus-tratos sexuais.

— Seu rapaz malcomportado — ralhou Eve. — E muito ativo.

Quando Peabody voltou, Eve já tinha a sua lista por ordem de prioridade e estava a vestir o casaco.

— Supostamente, Carmichael Smith, Elliot Hawthorne, Niles Renquist e Pepper Franklin encontram-se todos em Nova Iorque, neste momento. Prepara-te. Vamos fazer uma visita aos nossos amigos ingleses. — Encaminhou-se para a porta. — A ONU está em plenário?

— ONU? De Organização das Nações Unidas?

— Não, de Otários Não Unidos.

— Sei reconhecer o sarcasmo — disse Peabody, com uma certa dignidade. — Vou verificar.